

## NA TESSITURA DA FICCIONALIZAÇÃO: LIMA BARRETO E O TEMA DA LOUCURA

### IN THE “TESSITURA” OF FICTIONALIZATION: LIMA BARRETO AND THE THEME OF MADNESS

Andreia Aparecida Pantano, Unesp-Assis

<https://orcid.org/0000-0002-2970-5616>

Francisco Cláudio Alves Marques, Unesp-Assis

<https://orcid.org/0000-0003-2752-8879>

#### RESUMO

Neste artigo, pretendemos demonstrar que, embora vivendo no contexto da *Belle Époque*, o escritor Lima Barreto escolhe um caminho contrário ao que se pregava naquele momento, em termos de ciência e conhecimento, quando o Naturalismo ainda estava na ordem do dia e guiava amplamente as produções literárias dos intelectuais da época, de modo que se tentava, pelo viés da literatura, afirmar o poder da ciência e de seus representantes, como forma também de conceber a modernização brasileira. O escritor traça uma trajetória intelectual contrária à dos naturalistas, como ele mesmo relata, dado o seu caráter extremamente crítico dos acontecimentos e dos caminhos que a intelectualidade brasileira insistia em seguir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lima Barreto, Loucura, Literatura.

#### ABSTRACT

In this article, we intend to demonstrate that, although living in the context of the Belle Époque, writer Lima Barreto chooses a path against what was then preached in terms of science and knowledge. At the time, Naturalism was still on the agenda and largely guided the literary productions of contemporary intellectuals, so attempts were made, through the lens of literature, to affirm the power of science and its representatives, as a way of conceiving Brazilian modernization. The writer draws an intellectual trajectory opposite to that of the Naturalists, as he reports, given his extremely critical posture of the nature of the events and paths that Brazilian intellectuals insisted on following.

**KEYWORDS:** Lima Barreto, Madness, Literature.

“Na tessitura da ficcionalização: Lima Barreto e o tema da loucura”, de Andreia Aparecida Pantano *Metamorfoses*, Rio de Janeiro, vol. 21, número 2, p. 27-48, 2024.



Noto que estou mudando de gênio. Hoje tive um pavor burro.  
Estarei indo para a loucura?

Lima Barreto. *Diário íntimo*.

Se em vida Lima Barreto não foi reconhecido como um intérprete de seu tempo, após a morte precoce, aos 41 anos, em 1922, sua obra obteve reconhecimento, tardiamente, talvez pelo fato de sua narrativa abarcar seu universo mais íntimo. Incompreendido, o escritor foi conduzido para o local destinado aos pobres, mulheres e loucos – o hospício.

A literatura entra na vida de Lima Barreto como uma necessidade urgente de narrar aspectos de sua existência, seus conflitos, complexos e as contradições daquele mundo cientificista que, à época, forjava teorias que privilegiavam a classe que detinha o poder, enquanto discriminava aqueles que fugiam ao que era considerado normal, aceitável. A denúncia e a voz firme do escritor contra os discursos hegemônicos da ciência positivista, que procuravam inferiorizar o negro, podem ser ouvidas neste excerto do *Diário íntimo*, de 1905:

Vai se estendo, pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça. Diz-se ainda mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que cousa feia mais. (Barreto, 1956a, p. 110).

Crítico dos rumos que o país tomava e do racismo presente na sociedade brasileira, Lima Barreto faz o registro de suas experiências solitárias em um país que, na tentativa de se modernizar, negava os traços étnicos e culturais que o constituíam. Nessas reflexões sobre sua época e sobre si mesmo, Lima buscava uma sociedade solidária, antirracista e uma literatura de cunho social. Assim, o tema do racismo foi uma preocupação constante de sua obra, aparecendo de forma recorrente em praticamente todos os seus escritos.

Nesta escrita reveladora, o escritor assumiu a postura presente na cultura greco-romana de “dizer a verdade sobre si mesmo”. (Foucault, 2011, p. 5). Lima Barreto não abdicou da verdade e narrou suas experiências com lucidez e sinceridade. Nessa forma literária em que narra a realidade, seja ela qual for, o escritor cria uma literatura moderna para a época, o que o levou a ser tratado como um escritor “maldito”.

Nessa perspectiva, a literatura abarca toda a angústia e melancolia sofrida pelo escritor naqueles tempos sombrios em que um homem pobre, negro e entregue ao alcoolismo estava exposto aos mais terríveis sofrimentos e a um profundo mal-estar. Portanto, o escritor, sensível ao desamparo que vivenciava, busca através da experiência literária

expor a dor que sente. Nessa busca pelo reconhecimento, o escritor corre contra o tempo e escreve uma série de crônicas, contos, diários e ficções que revelam a si mesmo, possivelmente, sua verdade. Sem recursos para custear o tratamento do pai, Lima Barreto, em 1922, publica vários textos na revista *Careta*. Segundo Lilia Schwarcz, “era o Lima dos mesmos temas e reclamações, só que agora mais apressado e sem paciência para lapidar artigos, crônicas ou contos, que entregava todos os dias, sem folga” (2017, p. 469). Aliás, chegou a publicar dois artigos no mesmo dia, como explica Schwarcz, tal era a necessidade de dinheiro; e porque o escritor era movido à escrita, a literatura era sua paixão, conforme atestou Francisco de Assis Barbosa: “ao mesmo tempo em que luta para se libertar do vício que o degrada, agarra-se à literatura como um resto de naufrágio” (2017, p. 303).

A melancolia aparece retratada em vários contos, crônicas e textos de ficção de Lima Barreto, como por exemplo, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Clara dos Anjos*, “O trem de subúrbios”, “15 de novembro”, “Elogio da morte”, “O filho de Gabriela”, “O moleque”, “Cló”, “Adélia”, “Mágoa que rala”, entre outros. O crítico Antonio Arnoni Prado, em *Trincheira, palco e letras* (2004), explica que Lima Barreto traz para a ficção brasileira, ao colocar em cena o cotidiano das ruas em seus textos jornalísticos, um outro olhar sobre a realidade, caracterizado pelo crítico como “chave do relato-flagrante”. Essa percepção, flagrada por Lima Barreto, da infelicidade dos miseráveis revela a intimidade do escritor com os marginalizados, buscando, através da sua escrita, fazer as pazes com os seus: “no conjunto, mais talvez que a singularidade dos tipos, Lima Barreto inaugura uma incursão estética pela melancolia da pobreza”. (Prado, 2004, p. 247).

Na crônica “O trem de subúrbios”, de 21 de dezembro de 1921, presente na obra *Feiras e mafuás*, o escritor descreve o cotidiano que presencia nos trens lotados de gente, cheiros e falas, cada um balbuciando suas queixas políticas, esperanças, e, é claro, sobre “o execrável football”. Na mesma crônica Lima Barreto menciona o quanto ficou impressionado com o desenho que tinha visto do pintor francês Honoré-Victor Daumier (1808-1879), “Vagão de segunda classe”: a melancolia, a miséria retratada no rosto daqueles trabalhadores, e especialmente tudo que envolve o cenário que expressa o sofrimento de um trabalho rotineiro comove o escritor. No entanto, ao descrever a segunda classe dos trens cariocas, aponta as diferenças e nuances das personagens que ocupavam os vagões:

A segunda classe dos nossos vagões de trens de subúrbios não é assim tão homogênea. Falta-nos, para sentir a amargura do destino, profundidade de sentimentos. Um soldado de polícia que nela viaja não se sente diminuído na sua vida; ao contrário: julga-se grande coisa, por ser polícia; [...] Só alguns e, em geral, operários é que esmaltam no rosto angústia e desânimo [...]. Habitualmente não viajo em segunda classe; mas tenho viajado, não só, às vezes,

por necessidade, como também, em certas outras, por puro prazer. Viajo quase sempre de primeira classe e isso, desde muito tempo. Quando há quase vinte anos, fui morar nos subúrbios, o trem me irritava. A presunção, o pedantismo, a arrogância e o desdém em que olhavam as minhas roupas desfiadas e verdoengas, sacudiam-me os nervos e davam-me ânimos de revolta. Hoje, porém, não me causa senão riso a importância dos magnatas suburbanos. (Barreto, 1956c, p. 241-242).

Por obrigação ou por puro prazer, Afonso Henriques ocupava o vagão de segunda classe e, além de perceber os olhares que lançavam sobre suas roupas, observava também não só a melancolia que rondava alguns, mas também o desprezo e a arrogância de outros que se consideravam importantes, mas não passavam de “fantoques”. A melancolia percebida nos passageiros irá habitar o espírito do escritor, que sente a indiferença de alguns amigos e se queixa em carta ao amigo Antônio Noronha Santos, em 18 de maio de 1909, nos seguintes termos:

O Pausílipo não tem andado muito comigo ultimamente. Não sei se é o livro o que aprovo que me afasta dele; não sei se é outra causa que não te quero dizer aqui; o certo, contudo, é que ele já me finge que não vê. Entre nós, fazes bem falta. Penso, não sei se com prazer ou se com tristeza, que chegarei ao fim da vida com a tua única amizade. *Deves sentir que a minha carta está cheia de desesperanças, mas estes últimos dias têm sido amargos e muito amargos. Meu pai piora a olhos vistos e eu não sei como será.* (Barreto *apud* Barbosa, 1956d, p. 78, grifo nosso).

A carta ao amigo demonstra que a piora do pai causa imensa tristeza em Lima Barreto que, angustiado com os dias que virão, sente a ausência do amigo Pausílipo. No entanto, em outra carta, o próprio Lima menciona que Pausílipo continuava seu amigo e tudo não passava de um engano movido pelo seu humor quando redigira a carta. Ainda que o mal-entendido tenha sido posteriormente esclarecido, a vida e os escritos de Lima Barreto dialogam com o mal-estar, uma vez que a realidade servia de matéria literária ao escritor.

Em *Clara dos Anjos*, obra póstuma, Lima Barreto esboça a infelicidade dos subúrbios cariocas e a desesperança da protagonista, que sente na pele e no corpo a infelicidade de ser uma mulher preta. Lima Barreto insere na literatura a desesperança e o amargor que rondam parte da humanidade de seu tempo:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a

noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. (Barreto, 2012, p. 293).

Não havia outro destino para Clara naquele contexto em que o dinheiro predominava; e assim, a narrativa do texto torna-se denúncia de uma sociedade carregada de todos os tipos de preconceitos e infelicidades. Diante dessa perspectiva, o escritor, que nunca cessa de questionar e confessar a infelicidade que constantemente vive, mais uma vez comunica ao amigo Antônio Noronha dos Santos, em carta de nove de outubro de 1911, que estava “preso”, mas, desta vez, a prisão se apresentaria como uma prisão doméstica: o escritor estava sendo vigiado e mantido em casa pela família, conforme relatou:

Estou preso, vigiado por uma porção de guardas imbecis, na sua estulta amizade ou coisa semelhante. Saí uma tarde destas, mas com guarda ao lado. Como, porém, não me convenha romper, vou suportando. Apesar de tudo, consegui, por duas vezes, mandar buscar meia garrafa da história. Pensam mesmo que me concertam. (Barreto *apud* Barbosa, 1956d, p. 96).

Em *O mal-estar na civilização*, Freud escreveu sobre esse sentimento de infelicidade que percorre a existência humana: “Parece fora de dúvida que não nos sentimos bem em nossa atual civilização, mas é difícil julgar se, e em que medida, os homens de épocas anteriores sentiram-se mais felizes, e que papel desempenharam nisto suas condições culturais.” (Freud, 2010, p. 47).

Analisando a melancolia na literatura, Luiz Costa Lima (2017) retoma este trecho de Freud como um sintoma da “recusa” do psicanalista em admitir o caos que se insurgia em seu tempo, para demarcar, ou melhor, verificar como a melancolia tornou-se um estu-do frequente. O mal-estar da época, a angústia e a melancolia acompanharam a trajetória de Lima Barreto, sentimentos que foram largamente registrados no seu *Diário íntimo*. Em um relato do dia 20 de abril 1914, Lima Barreto faz o seguinte desabafo:

Enfim, a minha situação é absolutamente desesperada, mas não me mato. Quando estiver bem certo de que não encontrarei solução, embarco para Lisboa e vou morrer lá, de miséria, de fome, de qualquer modo. Desgraçado nascimento tive eu! Cheio de aptidões, de boas qualidades, de grandes e poderosos defeitos, vou morrer sem nada ter feito. Seria uma grande vida, se tivesse feito grandes obras; mas nem isso fiz. (Barreto, 1956a, p. 172).

O escritor já tinha publicado o seu primeiro romance, em 1909, e sente-se desaparelado pelo silêncio dos críticos, além da opressão sofrida na secretaria em que trabalhava. Lima Barreto não suportava o trabalho que foi obrigado a assumir na Secretaria da Guerra quando seu pai, João Henriques, escriturário responsável pelas Colônias de Alienados da Ilha do Governador, recebe o diagnóstico de louco. Essa estranha coincidência, ou melhor, essa intimidade com a loucura irá percorrer a vida e a obra do autor. Obrigado a realizar um trabalho à sua revelia, o escritor vocifera contra a opressão e a “bajulação” que fomentam as relações no local de trabalho.

Vivendo no contexto da *Belle Époque*, o escritor escolhe um caminho contrário ao que se pregava naquele momento, quando o Naturalismo<sup>1</sup> ainda estava na ordem do dia e guiava amplamente as produções literárias dos intelectuais da época, como explica Elizabeth Gonzaga de Lima: “tentava-se pelo viés literário, legitimar o poder da Ciência e de seus representantes – os médicos – como forma também de conceber a modernização brasileira” (2014, p. 21). Mas Lima Barreto irá fazer um caminho contrário aos naturalistas, dado o seu caráter extremamente crítico dos acontecimentos e dos caminhos que a intelectualidade brasileira insistia em seguir, atitude que pode ser observada em *Os bruzundangas*, quando critica sarcasticamente os escritores brasileiros que ainda reproduzem muitos clichês da literatura europeia:

É sábio, na Bruzundanga, aquele que cita mais autores estrangeiros; e quanto mais de país desconhecido, mais sábio é. Não é, como se podia crer, aquele que assimilou o saber anterior e concorre para aumentá-lo com os seus trabalhos individuais. Não é esse o conceito de sábio que se tem em tal país. Sábio, é aquele que escreve livros com as opiniões dos outros. Houve um que, quando morreu, não se pôde vender-lhe a biblioteca, pois todos os livros estavam mutilados. Ele cortava-lhes as páginas para pregar no papel em que escrevia os trechos que citava e evitar a tarefa maçante de os copiar. (Barreto, 2017, p. 185-186).

Munido de uma escrita crítica, Lima irá se dedicar cada vez mais à literatura, que cada vez mais passava a fazer parte de sua vida. Um dos temas que o acompanhará por toda a vida, dado o trabalho do pai na “Colônia de Alienados” e, posteriormente, o con-

---

<sup>1</sup> Émile Zola, em *O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro* [1880], conceitua o Naturalismo como “o retorno à natureza; é essa operação que os cientistas fizeram no dia em que imaginaram partir do estudo dos corpos e dos fenômenos, basear-se na experiência, proceder pela análise. O Naturalismo, nas letras, é igualmente o retorno à natureza e ao homem, a observação direta, a anatomia exata, a aceitação e a pintura do que existe. A tarefa foi a mesma tanto para o escritor como para o cientista [...]. Assim, não mais personagens abstratas nas obras, não mais invenções mentirosas, não mais absoluto; porém, personagens reais, a história verdadeira de cada uma, o relativo da vida cotidiana”. (Zola, 1982, p. 92).

vívio com os delírios dele, será a loucura, uma de suas personagens principais, tanto na ficção quanto nos escritos autobiográficos.

Em se tratando dos espaços e de tudo o que está à volta de Lima Barreto, o escritor trava uma “luta permanente e exacerbada contra a realidade circundante”, segundo Osman Lins (1976), e, ao fazê-lo, fala mais dos espaços que observa, focaliza mais a condição dos outros que a sua própria. Lins salienta que, à maneira de Montaigne, nos *Ensaaios*, Lima quer “[...] que aqui me vejam à minha moda simples, natural e ordinária, sem estudo nem artifício; pois sou em quem eu retrato”, Lima Barreto também centrou seus relatos na realidade, para as coisas e fenômenos circundantes, de modo que toda sua obra “é *toda ela* voltada para fora, para o mundo imediato e concreto” (Lins, 1976, p. 29), como nos leva a entender neste excerto de *Lima Barreto e o espaço romanesco*:

No *Diário do Hospício*, ocupa-se mais dos outros que de si. [...] Na entrevista concedida a um repórter de *A Folha*, em janeiro de 1920, declara que a permanência no Hospício lhe “tem sido útil” e confessa ter-se indignado com o irmão que o internou, mas não tem uma palavra má ou colérica. Nos artigos que assina em novembro e dezembro de 1918, (“Da Minha Cela” e “Carta Aberta”), ambos incluídos em *Bagatelas*, ocupa-se em descrever o Hospital Central do Exército, onde se acha internado, comentando a seguir acontecimentos do país, dentre os quais a greve de 18 de novembro. No primeiro dos mencionados artigos, importante sob vários aspectos, estuda os internados com objetividade e quando anota serem eles átonos e completamente destituídos de interesse, não é para maldizer-se de tal companhia e sim para sublinhar que ‘bem podiam, pela sua falta de relevo próprio, voltar à sociedade, ir formar ministérios, câmaras, senados e mesmo um deles ocupar a suprema magistratura’. (Lins, 1976, p. 25).

É provável que a dor real do convívio com a loucura provoque ao mesmo tempo uma proximidade e um distanciamento, e o relato de Lima, a descrição que faz do espaço, seja uma forma encontrada pelo escritor para manter a lucidez, mas esta fica apenas como uma suposição. Ao escrever, o autor de *Diário íntimo* registra a forma como percebe o mundo e a si mesmo. Nesse olhar para o outro há, certamente, um encontro consigo mesmo, com suas dores, sofrimentos, angústias e experiências frustradas, todas nuas e cruamente anotadas, documentadas e, conseqüentemente, transformadas em obra literária.

Na crônica intitulada “Vestidos modernos”, publicada na revista *Careta*, em 22 de julho de 1922, Lima Barreto não só descreve as situações que observa como se coloca em

cena ao descrever o seu estado de “relaxamento” ao observar as vestimentas das senhoras: “Nunca foi da minha vocação ser cronista elegante; entretanto, às vezes, me dá na telha olhar os vestidos e atavios das senhoras e moças, quando venho à Avenida. Isto acontece principalmente nos dias em que estou sujo e barbado.” (Barreto, 1953, p. 85).

Subjetivamente, o escritor carioca se insere no próprio cenário criado por ele e revela a si mesmo suas angústias, dores e temores. Para Eloésio Paulo dos Reis (2004), essa sensibilidade de Lima Barreto sugere o quanto o autor percebeu qual era o papel do escritor naquele momento e, portanto, a saída encontrada seria escrever uma literatura de cunho social que dialogasse com as próprias ausências e sofrimentos daqueles homens “estranhos”, isto é, que ultrapassavam o esperado, que não se adaptavam às regras estabelecidas. A despeito de a escrita de Lima ter caráter militante e cunho marcadamente social, Osman Lins salienta que o escritor, apesar de atento

às injustiças e ao abismo que separa, no país, *botafoganos* e *suburbanos*, não incide no erro, tão pouco fecundo, de ver apenas virtudes nos pobres; sabendo ser o subúrbio ‘o refúgio dos infelizes’, constata que a ‘gente pobre é difícil de se suportar mutuamente’. Ademais, a sua ficção, povoada de figuras advindas do subúrbio e de Botafogo, pólos opostos da sociedade que agudamente analisa, não vai configurar-se como uma ficção de luta de classes. Há consciência da miséria, mas não consciência de classe nos seus pobres [...]. (Lins, 1976, p. 23-24, grifos do autor).

Analisando a loucura na “literatura-memória” de Lima Barreto, Nádia Maria Weber dos Santos (2006) faz uma reflexão sobre a aproximação entre história e literatura, particularmente em *Diário do hospício* e *Cemitérios dos vivos*, escritos por Lima Barreto em sua derradeira internação, em 1919. A autora comenta a solidão e os vários fracassos vivenciados pelo escritor, desde a reprovação no curso de engenharia na Escola Politécnica, até a perda da mãe na infância, passando pelo preconceito quanto à cor, pela miséria, os delírios do pai, enfim, um baú repleto de acontecimentos que “foram, além de marcantes, matéria-prima para a sua literatura de ficção”. (Santos, 2006, p. 6). A pesquisadora enfatiza a sensibilidade do escritor ao escrever sua percepção sobre o hospício e destaca os aborrecimentos, a fragilidade de Lima Barreto em meio à brutalidade daqueles tempos e homens que insistiam em deixar claro que o escritor jamais seria recebido no Olimpo da intelectualidade brasileira. No entanto, como argumenta seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa (2017, p. 251), “a sua voz não disfarçava, nem seria possível disfarçar, os acentos de angústia e desespero”. Em sua análise, Santos destaca a composição fragmentada do *Diário do hospício*, característica de uma subjetividade fraturada, dada a própria

circunstância de confinamento em que se encontrava Lima Barreto. Santos cita a pesquisadora Ângela de Castro Gomes (2004), que vê na escrita memorialística um “documento histórico”.

Ao escrever sobre os dias e noites passados no interior de um hospício, Lima Barreto acabou registrando os equívocos de uma medicina/psiquiatria pautada nas ideias eugenistas em voga. Neste sentido, Lima Barreto demonstra o quanto a ciência no século XX era falha ao diagnosticar quem era louco ou não. O escritor tinha clareza de que a origem da loucura não estava atrelada à miscigenação:

*Todas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris. Todo problema de origem é sempre insolúvel; mas não queria já que determinassem a origem, ou explicação; mas que tratassem e curassem as mais simples formas. Até hoje, tudo tem sido em vão, tudo tem sido experimentado; e os doutores mundanos ainda gritam nas salas diante das moças embacadas, mostrando os colos e os brilhantes, que a ciência tudo pode. (Barreto, 2017, p. 55, grifos nossos).*

Em “Quem será, afinal?”, crônica publicada em 25 de janeiro de 1919, Lima Barreto problematiza a situação do escritor que vivenciava o vexame do hospício, e a nítida consciência da percepção que os outros tinham a seu respeito. Lima Barreto não queria se sujeitar às regras literárias impostas e em voga, por isso rejeita os comentários que dizem respeito à sua loucura e à sua escrita:

De boa ou má fé, estupidamente ou generosamente, aqui e ali, fui tomado ou sou tomado por doido; e a polícia, onde abundam os Esquiróis de várias categorias e ordenados, julgou-se já nas suas atribuições de me classificar como tal. [...] – Este Barreto é louco! [...] Um outro diria, ao saber da minha situação burocrática: Por que o Barreto não entra para um jornal? Ele iria longe, ganharia dinheiro etc. [...] Não me aborreceria com essas considerações a meu respeito se elas não envolvessem duas cousas: *a loucura* e *a calúnia à literatura*. Não nego que tenha neste ou naquele momento ou dia, dado sinais de loucura; mas, como eu e mais permanentemente, muitos homens aos quais nem por sombra me quero comparar, têm dado, o que não obsta de, até hoje ensinarem a todos nós cousas excepcionais. (Barreto, 1956b, p. 135-136, grifo nosso).

Eis a forma encontrada por Lima Barreto para desenvolver sua escrita: recluso em um hospício. Possivelmente para traduzir, expressar a loucura, torna-se necessário, como

menciona Bosi (2017), recorrer ao “mistério”, para compor livremente suas personagens fragmentadas.

contextualizando a escrita de Lima Barreto produzida entre 1904 e 1922, Antonio Arnoni Prado destaca as contradições do período que aparecem na literatura barretiana e o inconformismo com o estilo literário do escritor, tão presente entre os escritores do início do século XX. Lima Barreto buscava um “meio de libertar a própria linguagem das imposições dos modelos consagrados” (Prado, 1989, p. 11), portanto, nessa busca por uma literatura que revelasse “personagens reais”, o autor de *Policarpo Quaresma* criou uma narrativa moderna, povoada por personagens um tanto autobiográficos:

Isaías Caminha, Policarpo Quaresma e Gonzaga de Sá, os três protagonistas que estão no centro de sua narrativa de ficção, representam na verdade símbolos híbridos originariamente ligados ao universo reminescente da nebulosa autobiográfica do *Diário Íntimo*, meio espectros, meio autorretratos, que de repente invadem o círculo da existência alegórica para de algum modo escapar à identidade congelada de origem. Daí por que será possível integrá-los a uma única trajetória para o fracasso que tanto no Lima Barreto da ficção quanto no Lima Barreto da confissão encarna a corajosa resistência contra toda espécie de discriminação e vilipêndio. (Prado, 1989, p. 6).

Lima Barreto, enquanto intelectual irreverente, buscava preservar sua independência, como menciona no artigo “A maçã e a polícia”, publicado em 11 de março de 1922 na revista *Careta*: “sou escritor e, se mérito outro não tenho, me gabo de ser independente”. (Barreto, 1953, p. 69). Nesse caminho trilhado na busca por independência, destaca-se o fato de que Lima Barreto bancava a duras penas a edição de seus livros, e que geralmente não alcançava o sucesso desejado, trilha que empurrava o escritor para a “marginalização”.

Possivelmente a loucura, vereda tomada por Lima, como bem salientou Roberto Vecchi, será uma forma de adentrar em um mundo que se modernizava e ainda esmiuçar “o espaço degradado de uma errância pobre pelos subúrbios que, mesmo imageticamente, se destroem diante da investida violenta do processo modernizador”. (Vecchi, 1998, p. 118).

No caminho de uma literatura social, o escritor irá não só testemunhar como também interrogar criticamente a charlatanice de uma sociedade que se brutalizava e classificava/inferiorizava o outro em nome do progresso. Diante dessa cultura, Lima Barreto, que recebera certa instrução, acaba se encontrando em uma situação complexa: entre os

seus, sente-se um estranho, e embora sua escrita seja marcada por forte crítica social, decididamente escolheu os seus pares. Por outro lado, Lima transitava por entre os intelectuais da época, que o desconsideravam. Vivendo nesse limite, a loucura irá figurar como uma resposta às questões postas por seu tempo, conforme observa Vecchi (1998).

Inconformado com a situação política do país, que propagava a exclusão, e com sua própria situação, Lima Barreto faz da literatura e de seus personagens uma voz que se insurge contra o discurso político burguês representante da *Belle Époque*, além de discutir o tema da loucura, que era uma preocupação constante em sua vida. Em seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911), o escritor carioca problematiza os “mistérios da loucura”, reflete sobre o lugar destinado à insanidade, sobre o hospício e seu mundo particular:

Quem uma vez esteve diante desse enigma indecifrável da nossa própria natureza fica amedrontado, sentindo que o gérmen daquilo está depositado em nós e que por qualquer coisa ele nos invade, nos toma, nos esmaga e nos sepulta numa desesperadora compreensão inversa e absurda de nós mesmos, dos outros e do mundo. Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais semelhantes: o que foi antes da loucura é outro muito outro do que ele vem a ser após. (Barreto, 2019, p. 156-157).

Habitando a “casa do louco”, Lima Barreto não tinha como escapar do convívio com a loucura, portanto, reflexões sobre o louco e a loucura figuram como temas recorrentes nas páginas de seus livros, marcando alguns personagens que sucumbirão a esse estado, como Ismênia, de *Triste fim do Policarpo Quaresma*, que enlouquece por amor, e o próprio major Quaresma, que acaba sendo encaminhado para o hospício. A loucura acometerá ainda outros personagens, como o Lobo (*Isaías Caminha*), Fernando (“Como o ‘homem’ chegou”), Leonardo Flores (*Clara dos Anjos*).

Na dissertação *Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de la Mancha e Triste fim de Policarpo Quaresma*, Ana Aparecida Teixeira da Cruz fez um estudo comparativo entre as personagens Policarpo Quaresma e Dom Quixote, partindo do fenômeno da loucura. Ao longo da pesquisa, Cruz constatou que existem mais diferenças entre esses protagonistas do que semelhanças, entretanto, a pesquisadora observa o quanto alguns críticos da época da publicação de *Triste fim de Policarpo Quaresma* fizeram alusão ao *Dom Quixote* de Cervantes, o que provocou em Lima Barreto certo orgulho. Citando o crítico Oliveira Lima, Cruz destaca que este, em 1916, ressaltava o caráter idealista dessas personagens, uma vez que Policarpo Quaresma

não mede esforços para acabar com os “problemas sociais”, e nessa tentativa acaba internado como louco. Portanto, o patriotismo do major o levou ao hospício, e depois à morte.

No caminho das semelhanças e diferenças entre as personagens, a pesquisadora cita Idilva Maria Pires Germano, que destaca as “semelhanças entre as personagens”, partindo das diversas perspectivas de “entender a realidade”. Enquanto Dom Quixote recorria aos romances de cavalaria para destacar o “universo da cavalaria”, como menciona Germano, Policarpo Quaresma busca na história, nos livros, a confirmação da presença nacional. Contudo, a exacerbação do patriotismo e o idealismo no major acabam levando-o para o precipício, para o triste fim.

Desde cedo, a espera se fez presente na vida do major, como o próprio nome sugere. Policarpo Quaresma esperava ver uma pátria voltada para as questões nacionais, o que aliás não irá acontecer: “era de conduta tão irregular e incerta o governo que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela”. (Barreto, 2011, p. 348).

Ao investigar o tratamento da loucura, particularmente em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Ana Aparecida Teixeira da Cruz recupera os primeiros episódios de contato de Lima Barreto com a loucura, ou seja, à época em que o pai, João Henriques Barreto, era responsável pela Colônia de Alienados. Assim, como o autor, a personagem Policarpo Quaresma, ao defender seu patriotismo, é internada em um hospício da Praia da Saudade; e, uma vez reclusa, passará a viver em “uma sepultura em vida, um semienterramento, enterramento do espírito, da razão condutora, de cuja ausência os corpos raramente se ressentem”. (Barreto, 2011, p. 155). Apartado de suas coisas, livros, o major se vê solitário, triste e imerso no calabouço da loucura.

As análises de Cruz (2009) sobre a presença da loucura em Dom Quixote e Policarpo Quaresma demonstram o quanto o tratamento desse fenômeno é diferente em suas personagens, pois enquanto o cavaleiro da triste figura enlouquece repentinamente, Policarpo Quaresma adentra nesse universo aos poucos. O major vai tecendo a própria loucura ao longo dos anos, ao cultivar o resgate de uma identidade nacional. Assim, na busca pelo ideal de valorização de uma identidade própria brasileira, é a própria identidade do Major Policarpo Quaresma que se escapa. O desejo da glória é uma característica que marca a diferença entre as personagens, segundo a pesquisadora, pois, enquanto Dom Quixote se lança em aventuras em busca de reconhecimento, Policarpo Quaresma se recolhe, passando a viver metodicamente a própria loucura, ou seja, a solidão, pois “você, Quaresma, é um visionário”. (Barreto, 2011, p. 309).

Cervantes e Lima Barreto, cada um partindo de seu tempo e contexto, caracterizaram a loucura com diferentes conotações: Dom Quixote exerce sua loucura livremente e,

“mesmo tomado pela loucura, em nenhum momento é excluído do âmbito social” (Cruz, 2009, p. 190); Policarpo Quaresma, que sonha e tem uma ideia, um “pensamento forte”, é retirado do convívio com os seus e encaminhado ao hospício, uma vez que a medicina positivista, vigente no século XIX, reservava ao “mistério da loucura” e aos loucos o hospício.

Para além dos romances e diários, o escritor carioca dedicou-se à crônica; foram inúmeras crônicas, textos, artigos, impressões e cartas escritas. Beatriz Resende (1993) chama a atenção para a crônica “Da minha cela”, publicada em 30 de novembro de 1918 na revista *A.B.C.*, em que Lima recupera sua experiência como interno no hospício, descrevendo-o como um lugar de dor, isolamento, classificação e prisão, aproximando-o do inferno dantesco ao citar a sentença lida por Dante Alighieri, estampada à porta de entrada de um dos círculos infernais, “*Lasciate ogne speranza, voi ch’intrate*”.<sup>2</sup>

Além do doutor Alencastro, nos primeiros dias, a minha exaltação nervosa levou-me à enfermaria do doutor Murilo de Campos. Esta tinha o aspecto antipático de uma vasta casa-forte. Valentemente, as suas janelas eram gradeadas de varões de ferro e a porta pesada, inteiramente de vergalhões de ferro, com uma fechadura complicada, resistia muito, para girar nos gonzos, e parecia não querer ser aberta nunca. “*Lasciate ogni speranza*” ... (Barreto, 1956b, p. 99).

Ao descrever a estrutura do Hospital Central do Exército, o escritor deixa claro o quanto este espaço assemelhava-se a uma prisão, com grades de ferro que impossibilitavam transpor seus limites. Revelando todo o constrangimento e humilhação que passou como paciente, ainda nessa crônica, Lima Barreto relata que fora classificado, rotulado como “braquicéfalo”:

Sofri também mensurações antropométricas e tive com o resultado delas um pequeno desgosto. Sou braquicéfalo; e, agora, quando qualquer articulista da *A Época*, quiser defender uma ilegalidade de um ilustre ministro, contra a qual eu me haja insurgido, entre os meus inúmeros defeitos e incapacidades, há de apontar mais este: é um sujeito braquicéfalo; é um tipo inferior! (Barreto, 1956b, p. 101).

Nessa trágica passagem pelo hospital, o escritor carioca sente na pele a marca de uma prática médica preconceituosa e equivocada que considerava a miscigenação racial

<sup>2</sup> “Deixai toda esperança, ó vós que entraís.” (Alighieri, 2021, p. 91).

como algo pernicioso e degenerativo, aproveitando para denunciar a hipocrisia da medicina psiquiátrica que utilizava um discurso positivista, racionalista e eugenista para lidar com a questão da loucura. A sensibilidade barretiana, transformada em escrita, demonstra o quanto o espaço do hospital psiquiátrico representava a brutalidade de uma sociedade que segregava aqueles considerados loucos, que não se encaixavam nos seus propósitos de modernização.

A crítica que Lima Barreto faz à eugenia, especialmente às teorias do psiquiatra Cesare Lombroso (1835-1909), as quais associavam a hereditariedade aos comportamentos desviantes, aliás em voga entre os médicos brasileiros à época, foi estampada no conto “As teorias do dr. Caruru”, de 1915. Nela, o escritor demonstra como médicos e psiquiatras atribuíam à miscigenação os problemas sociais, como a loucura, os vícios, de modo que qualquer comportamento considerado anormal para os padrões era justificado pela degeneração das raças. Com uma fina ironia, o escritor deixa claro o quanto a teoria preconizada por Cesare Lombroso, que relacionava determinadas características físicas a determinados vícios, e até mesmo à criminalidade, era absurda e preconceituosa. No texto, dr. Caruru, que exercia várias funções, ora como professor da Escola de Medicina, ora como chefe do Gabinete Médico da Polícia, inspetor da Higiene Pública, ou ainda como subdiretor do Manicômio Nacional, ao ler uma notícia no jornal sobre o ataque que o pintor Francisco Murga sofrera em plena Avenida Central, vindo a falecer, corre para o necrotério a fim de examinar o cadáver e comprovar a teoria da “degeneração racial”:

— Meus senhores. Estamos certamente diante de um caso típico de degenerado... [...] — O indivíduo que está aqui, bêbedo incorrigível, vagabundo, incapaz de afeições, de dedicações, vai demonstrar com as injeções que lhe vou fazer, a verdade das minhas teorias. Vejamos os pés... Caruru armou-se de uma das tais réguas, enquanto um servente chorava. Aplicou-a aos pés do defunto e, pouco depois, exclamou triunfante: —Vejam só! O pé direito mede quase mais um centímetro que o esquerdo. Não é só o que eu dizia? É um degenerado! Essa assimetria dos pés... O servente que chorava interrompeu-o: —Vossa Excelência só por causa dos pés do senhor Murga não pode dizer isto. Ele não nasceu assim. — Como foi então? — Fui seu amigo e devo-lhe muitos favores. [...] “Seu” Murga teve um tumor no pé direito e foi obrigado a andar com chinelo num pé, durante cerca de dois meses, enquanto o esquerdo estava calçado. Naturalmente aquele aumentou enquanto o outro ficava parado. Foi por isso. (Barreto, 2017, p. 415).

Vivendo em uma sociedade marcada por um “ideário cientificista” que propagava nas cidades intensos programas de higienização, Lima Barreto acabou sendo vítima de uma prática médica que atribuía à miscigenação todas as mazelas, “era a partir da miscigenação que se previa a loucura, se entendia a criminalidade, ou, nos anos 20, se promoviam programas ‘eugênicos de depuração’”. (Schwarcz, 2021, p. 249). Nesse sentido, os delírios do escritor e o próprio alcoolismo eram atribuídos à sua cor, como a própria doença do pai.

A loucura era concebida como uma doença muito comum entre aquela massa de indigentes subjugada pela sociedade que, na urgência de civilizar-se, acabou de certo modo sujeitando homens, mulheres e crianças a uma situação de exclusão, que acabavam sendo conduzidos da forma mais cruel possível em um carro-forte, como no caso de Lima Barreto, para um possível lugar de “normalização”: o manicômio. Nesse modelo caótico de sociedade, que na ânsia por modernizar-se marginaliza seus cidadãos, revela-se um projeto atroz, atrelado a um discurso psiquiátrico higienista, discurso tantas vezes confrontado por Lima Barreto:

Há uma classificação, segundo este ou aquele; há uma terminologia sábia; há descrições argutas de tais e quais casos, revelando pacientes observações; mas uma explicação da loucura, mecânica, científica, atribuída à falta ou desarranjo de tal ou qual elemento ou órgão da nossa natureza, parece que só há para raros casos, se há. (2017, p. 192).

Nessa mesma linha, Foucault, na aula de 5 de fevereiro de 1975, ao analisar a psiquiatria enquanto parte de uma higiene pública, comenta: “foi como precaução social, foi como higiene do corpo social inteiro que a psiquiatria se institucionalizou”. (Foucault, 2018, p. 101).

Nessa perspectiva, seguindo os padrões europeus, a psiquiatria desde o século XIX irá operar como um agente do Estado disseminando um projeto de higienização e de exclusão dos “anormais”, dos loucos considerados danosos ao alcance do hospício. Percebendo as articulações e o destino da República Velha, Lima Barreto ironicamente e criticamente se levantará contra os discursos ideológicos e cientificistas tão propagados na imprensa e acatados pela sociedade da época, como explica Nicolau Sevcenko:

O autor constrói e narra situações em que as conclusões científicas, tornadas em dogmas, “em artigos de fé, em Corão obsoleto”, geravam situações atroztes e de intensa opressão. É o caso da incorporação da esdrúxula teoria dos caracteres adquiridos, na jurisprudência do seu tempo, estabelecendo o vínculo entre os crimes, as taras paternas e a

predisposição dos filhos. Ou as situações de manipulação indigna dos pacientes clínicos, como no caso de uma parturiente que “um lente de partos quis fazê-la sujeitar-se ao ‘toque’ por toda uma turma de estudantes” (1999, p. 175).

Segundo Nicolau Sevcenko, o receio em ser usado como cobaia era uns dos temores do escritor carioca, que expressa tal medo na voz da personagem Vicente Mascarenhas, personagem do *Cemitério dos vivos*.

Lima Barreto/Vicente Mascarenhas, ao deixar seu testemunho, seja no *Diário do hospício*, seja no romance *Cemitério dos vivos*, do que foi internação e o enclausuramento do Outro, descreveu o vexame pelo qual passou e revelou a ineficácia da medicina psiquiátrica que apenas recolhia e sequestrava os *bas-fonds*, os loucos e bêbados, indivíduos que a sociedade não queria ver circulando pelas ruas cariocas em vias de modernizar-se. Internado, entre delírios e lapsos de razão, o escritor narra no manuscrito do *Diário do hospício* o medo de ser alvo de experimentos, das novidades científicas adotadas para o tratamento do alcoolismo, voltando a confessar esse sentimento na voz de seu Outro, Vicente Mascarenhas:

Essa sua falta de método, junto a minha condição de desgraçado, davam-me o temor de que ele quisesse experimentar em mim um processo novo de curar alcoolismo em que se empregasse uma operação melindrosa e perigosa. Pela primeira vez, fundamentalmente, eu senti a desgraça e o desgraçado. Tinha perdido toda a proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia. (Barreto, 2017, p. 194).

A fim de “proteger” um projeto de civilização, a sociedade carioca envia seus loucos ao hospício, uma vez que a loucura e o louco, ameaças que circulavam pelas ruas, perturbariam a tranquilidade da cidade, ou seja, provocariam um desequilíbrio no tão propagado projeto racional de modernização. Nesse contexto, em que a loucura se mostra e é sumariamente expurgada, o escritor, que experimentou de dentro as agruras do manicomio, escreve em detalhes a realidade de uma instituição que se degenerava juntamente com os corpos e almas que viviam reclusos entre suas paredes. Ser sujeitado a essa condição, em que o domínio do próprio corpo fora negado por um saber médico pautado em um discurso racional, apagava qualquer esperança de felicidade.

A loucura e suas implicações estão presentes nas vozes de vários personagens de Lima Barreto. No artigo “No limiar entre a loucura e a razão: a obra (Uma breve análise de *Cemitério dos vivos* e de *Diário do hospício*)”, de 2008, Isabelle Meira Christ defen-

deu a tese de que, em *Cemitérios dos vivos*, Lima Barreto foi além da aproximação com a loucura. Nele, o que surge é a obra, como o próprio Foucault analisou ao aproximar literatura e loucura e ao mencionar Nietzsche, Artaud e Van Gogh, que vivenciaram a loucura.

Em *Cemitério dos vivos* o escritor não só narra suas experiências como também reflete sobre os mistérios da loucura, e como esse fenômeno era percebido e tratado em nosso país nas primeiras décadas do século XX. Quando surge a obra, a loucura se retira, observa Foucault;

Só há loucura como instante último da obra, esta a empurra indefinidamente para seus confins; *ali onde há obra, não há loucura*; e no entanto a loucura é contemporânea da obra, dado que ela inaugura o tempo de sua verdade. No instante em que, juntas, nascem e se realizam a obra e a loucura, tem-se o começo do tempo em que o mundo se vê determinado por essa obra e responsável por aquilo que existe diante dela. (2017a, p. 530).

Nesse encontro e desencontro entre loucura e obra, não é possível determinar a loucura, o que fica é o seu mistério e a interrogação sobre tal fenômeno. Não interessa quando começa a loucura, a obra acaba pertencendo a este mundo e provocando uma reflexão sobre esse mundo, sobre esse tempo.

Portanto, Christ conclui que *Cemitério dos vivos*, ainda que inacabada, é uma resposta de Lima Barreto ao próprio tempo e uma indagação sobre a loucura. O crítico Osman Lins (1976) argumenta que não se sabe o motivo pelo qual Lima Barreto não chega a concluir *Cemitério dos vivos*, embora em 10 de fevereiro 1920 tenha escrito ao seu amigo Francisco Schettino anunciando que iria concluir a obra no final do mês, mas o romance permaneceu inacabado.

Escrever era a saída de Lima Barreto para não sucumbir aos tormentos do hospício. Se *Cemitério dos vivos* não se completou, é porque possivelmente a experiência de uma segunda internação em hospício provocou um silenciamento. Ainda que não tenha finalizado o romance, fez da literatura uma arte de denúncia escrita em tiras de papel, em meio à loucura que o espreitava.

Ao escrever o quanto a troca de experiências e as narrativas orais estavam se perdendo, no início do século XX, Walter Benjamin, em “Experiência e pobreza”, ensaio de 1933, chama a atenção para aqueles homens que vivenciaram a guerra entre 1914 e 1918, tendo voltado do *front* mais “silenciosos” e “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos”. (Benjamin, 1985, p. 115). Embora este não seja o caso de Lima Barreto,

é provável que o trauma causado pela humilhação da internação forçada em um hospício tenha, de certa forma, contribuído para a não finalização de seu escrito.

Maria Inês Detsi de Andrade Santos (2012) discutiu a “dimensão social da loucura” em *Diário do hospício e Cemitérios dos vivos*. Ao aproximar literatura e loucura, a pesquisadora toma como referência Edgar Morin (2004), que salienta a “função sociológica” da literatura. Em sua análise, a autora destaca a fabricação da loucura, ou seja, o contexto e o quanto tal fenômeno acaba sendo legitimado por alguns que definem quem é louco. No ambiente frequentado por Lima Barreto, os loucos eram geralmente pobres, pretos, mulheres, aqueles considerados inferiores para os autores dos discursos e práticas eugênicas. No cerne dessa discussão, a autora cita o psiquiatra Nina Rodrigues (1862-1906), que via na miscigenação um empecilho ao processo civilizatório. Tal discurso era endossado pela medicina psiquiátrica, que ajudava a disseminar e perpetuar práticas de segregação racial e social. Nessa perspectiva, o louco entra para a categoria do desajustado e, conseqüentemente, será banido da família e da sociedade.

Lilia Schwarcz, ao analisar a “Escola Nina Rodrigues”, os discursos médicos produzidos no final do século XIX e estabelecer uma comparação entre a Faculdade de Medicina da Bahia e a escola médica do Rio de Janeiro, enxerga um cenário com nuances distintas:

Na Bahia é a raça, ou melhor, o cruzamento racial que explica a criminalidade, a loucura, a degeneração. Já para os médicos cariocas, o simples convívio das diferentes raças que imigraram para o país, com suas diferentes constituições físicas, é que seria o maior responsável pelas doenças, a causa de seu surgimento e o obstáculo à “perfectibilidade” biológica. (Schwarcz, 2021, p. 249-250).

Percebendo os meandros sociais, políticos, econômicos, e as práticas eugênicas no âmbito da sociedade carioca, Lima Barreto recorre à sua literatura militante para refletir sobre os caminhos e métodos escolhidos pelos intelectuais para tratar a loucura naquele contexto. Em 16 de agosto de 1919, Lima Barreto publica um artigo na *A.B.C.* intitulado “Considerações oportunas”, questionando a brutalidade e a violência praticadas contra negros nos Estados Unidos, e os critérios utilizados pela medicina para definir raça:

Esses senhores que edificaram essas teorias de irremediável desigualdade de raças são tenazes e ferrenhos em remover todas as diferenças desta ou daquela natureza que possam separar o homem do macaco; mas, em compensação, são também tenazes e ferre-

nhos em acumular antagonismos entre os brancos e os negros. Às vezes mesmo, fazem enormes esforços para justificar, em teorias sociais, ódios de grupos humanos contra outros que, entretanto, têm diversa origem... (Barreto, 1956c, p. 191).

Observando e sendo vítima dessas supostas teorias, de uma ciência tendenciosa que classificava os indivíduos pela cor da pele, o escritor carioca denunciou a medicina psiquiátrica em seus textos literários, conforme aponta Maria Inês Detsi de Andrade Santos (2012). No conto “Opiniões de Gomensoro”, como bem observou Schwarcz (2010), Lima Barreto ironiza o determinismo científico da época, ao afirmar: “A capacidade mental dos negros é discutida *a priori* e a dos brancos, *a posteriori*. [...] Se a feição, o peso, a forma do crânio nada denotam quanto à inteligência e vigor mental entre indivíduos da raça branca, por que excomungar o negro?” (Barreto, 2010, p. 486).

Nesse conto, Lima Barreto se identifica com o negro e essa atitude faz da escrita do autor uma “narrativa de si”, perspectiva que marca sua literatura que, ao registrar, enquanto interno de um hospício, os delírios e o cenário histórico percebido naquele tempo e espaço, elabora uma escrita subversiva ao denunciar corajosamente as estruturas hierárquicas e seus interesses por trás das teorias sustentadas cientificamente.

Michel Foucault, em *Loucura, literatura e sociedade*, entrevista realizada em 1970, ao questionar a existência de uma escrita ainda hoje subversiva, argumenta “que a literatura torna-se um lugar no qual a transgressão pode ser realizada ao infinito”. (Foucault, 2006, p. 246). Desse ponto de vista, a literatura barretiana é uma literatura que persiste no tempo, seus escritos continuam atuais, quando o assunto é o tratamento dado às minorias no Brasil. Ainda hoje, após vários silenciamentos, sua escrita permanece atual, pois, ao tratar de temas importantes como o racismo científico, o escritor fez história ao ser excessivamente sincero, expondo suas ideias e tecendo suas críticas: “A Arte e a Literatura são cousas sérias, pelas quais podemos enlouquecer – não há dúvida; mas, em primeiro lugar, precisamos fazê-la com todo o ardor e sinceridade. Não é o canto da araponga que parece malhar ferro, mas nem sabe o que é bigorna” (Barreto, 2017, p. 64).

## Referências

ALIGHIERI, D. **Divina comédia**. 5.ed. Trad. e notas João T. Ziller; apresentação João A. Hansen. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2021.

BARRETO, L. “Congressos”. In \_\_\_\_\_ **Coisas do Reino do Jambon**. São Paulo: Brasiliense, 1956f.

BARRETO, L. **Bagatelas**. São Paulo: Brasiliense, 1956 b.

BARRETO, L. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

BARRETO, L. **Correspondência, Tomo I**. São Paulo: Brasiliense, 1956 d.

BARRETO, L. **Diário do hospício/O cemitério dos vivos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, L. **Diário íntimo: Memórias**. São Paulo: Brasiliense, 1956 a.

BARRETO, L. **Feiras e mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1956 c.

BARRETO, L. **Marginália**. São Paulo: Mérito S. A., 1953.

BARRETO, L. **Os bruzundangas/Numa e ninfa**. Org. Beatriz Resende. São Paulo: Carambaia, 2017.

BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011.

BARRETO, L. **Impressões de leitura e outros textos críticos**. Org. Beatriz Rezende. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Lima. Um e Outro. In: \_\_\_\_\_. **Contos completos de Lima Barreto**. Org. SCHWARCZ, L. M. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 80-88.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução de S. P. Rouanet. Revisão técnica de M. Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, A. Prefácio. In: BARRETO, L. **Diário do hospício; O cemitério dos vivos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 7-28.

CHRIST, I. M. No limiar entre a loucura e a razão: a obra (Uma breve análise de *Cemitério dos vivos* e de *Diário do hospício*). **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências**. USP – São Paulo, p. 1-10, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: [https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/049/ISABELLE\\_CHRIST.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/049/ISABELLE_CHRIST.pdf). Acesso em: 22/10/2023.

CRUZ, A. A.T. **Dimensões da loucura nas obras de Miguel de Cervantes e Lima Barreto: Don Quijote de la Mancha e Triste fim de Policarpo Quaresma**. 205p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano- Americana do Departamento de Letras Modernas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FOUCAULT, M. A loucura, a ausência da obra. In: MOTA, M. B. da. **Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017a.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LIMA, E. G. de. Figurações da loucura na ficção de Lima Barreto. **Linguagem – Estudos e Pesquisa**, Catalão-GO, v. 18, n. 1, p. 19-35, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/35032/18662>. Acesso em: 29/01/2023.

LIMA, L. C. **Melancolia: Literatura**. São Paulo: Editora da Unesp, 2017.

LINS, O. **Lima Barreto e o espaço Romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

PRADO, A. A. **Lima Barreto: o crítico e a crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PRADO, A. A. **Trincheira, palco e letras: Crítica, literatura e utopia no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

REIS, E.P. **Literatura e loucura: O escritor no hospício em três romances dos anos 70**. 246p. Tese. (Doutorado em letras) – Universidade Estadual de Campinas, 2004.

RESENDE, B. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993.

SANTOS, M. I. D. de A. Loucura e literatura: a dimensão social da loucura e sua representação na narrativa de Lima Barreto. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 27, n. 2, p. 372-382, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rh/article/view/4637>. Acesso em: 29/01/2023.

SANTOS, N. M. W. Sensibilidade da exclusão e loucura na literatura-memória de Lima Barreto. **Caravelle**, n. 86, p. 71-86, Toulouse, jun. 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40854243>. Acesso em: 29/01/2023.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: Tensões sociais e criações culturais na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VECCHI, R. Seja moderno, seja brutal: a loucura como profecia da história em Lima Barreto. In: HARDMAN, F. F. (Org.). **Morte e progresso**: Cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Ed. da Unesp, 1998. p. 111-124.

ZOLA, E. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. Trad. Italo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

